

DRAMA

Com o pleno conhecimento das duas famílias, fugiram para casar. Assim era mais barato, ninguém teria despesas de roupas e festas. Durante a tarde, na modesta casa do bairro do São João, a mãe de Rosa arrumou o enxoval, que coube na mala velha, amarrada com uma cordinha e em dois sacos de ração. Gijo saiu da Queimada numa charrete emprestada por seu pai e encontrou a noiva na porteirã do sítio. Da porta da casa, a mãe de Rosa abençoou o jovem casal (18 e 16 anos), enxugou uma lágrima teimosa e voltou para a cozinha. Eram seis da tarde do dia 20 de julho de 1977. Os pertences do noivo vieram dentro de três sacos de torta. Atrás na charrete estavam ainda duas enxadas, duas "vangas", um martelo e a "traíia" de cozinha, um lampião de querosene e duas lamparinas.

Pouco conversaram. Só se olhavam com os olhos brilhantes. Estavam com muita pressa de chegar à casinha recém caiada, que ficava na fazenda Boa Vista de São Lourenço, e de onde se avistava a cidade. Tinham muito amor para dar e o caminho era longo. Convinha evitar a noite que já estava esfriando. Depois de uma hora de marcha, rindo, comeram o franguinho com farofa, pegando os pedaços com

as mãos, dentro da caixa de sapato. Nunca houve comida melhor que essa, temperada com carinho.

Com os corações em sobressalto, chegaram. Nem houve tempo para soltar o cavalo no piquete. O amor foi tão grande que a casinha virou um palácio. Foi a melhor noite de suas vidas.

No dia seguinte, meio envergonhados, trataram dos papéis e falaram com o padre, pois o pai e a mãe de ambos queriam que tudo fosse feito nas duas leis.

Depois do casamento, começou a grande luta com a terra. Limpar, arar, carpir. Lado a lado, rindo, brincando, suando, a quiçaca foi desaparecendo. A formação de três mil cafeeiros era muito trabalho para marido e mulher. Sorte que o patrão emprestara uma vaca de leite e o fubá era barato. Levantavam às quatro e, com sofreguidão, "calçavam" o peito com o leite generoso da "Mimosa" e grossas fatias de polenta. Nem voltavam para o almoço. Descansavam e comiam na roça mesmo, à sombra da paineira grande.

No começo foi duro. As mãos sangraram até que os calos se formassem. Doíam as costas e quase não dava vontade de, na volta, tomar o banho de bacia e canequinha. Mas, como a mocidade cura, tudo deu certo.

Em setembro choveu. Pisando no barro da terra fértil e vermelha, molhando o corpo todo, Gijo e Rosa plantaram o

café, colocando os grãos nas covas. Como o pai tinha ensinado era melhor de semente, pois de balainho o café produz logo, mas não atura.

Muitos dias se passaram. Já tinham uma horta, porcos na cerva e galinhas à vontade. Não tinham rádio, nem televisão. Colheram arroz, feijão, milho e mandioca. Cada ano um novo filho, criado no chiqueirinho cavado no chão da cozinha. Uma beleza de vida.

No quarto ano, Rosa já estava gorda de novo, esperando o terceiro filho. O café chegava até a cintura de Gijo. Estava igualado, de um verde profundo. Nunca houve lavoura mais bonita. De tarde, o casal ficava na varanda, sentado em dois caixões, que o homem do armazém tinha dado, com as crianças por perto, olhando a lavoura. Os três mil cafeeiros, sem falhas, enchiam os olhos com suas ruas em curva de nível, limpos, alinhados, sadios. Gijo pensava, sonhando seus sonhos de fartura: vou comprar cinco quilos de carne, uma dúzia de cerveja e duas de guaraná. Cozinho mandioca, vou buscar pãozinho e dou um churrasco. Ao seu lado, Rosa também tinha seus desejos: as crianças precisam de roupas e sapatos; vou dar uma bola vermelha, de plástico, para o Toninho e uma boneca pra Nena, além de um enxovalzinho pro terceiro.

Mas, começou a esfriar. Do sul, veio um vento gelado como a angústia. Rezaram muito e dormiram, com muito medo. Quando clareou, estava tudo branco. A roupa lavada na véspera estava dura dentro da bacia. A reza não adiantou nada, a geada chegou. Quando o sol apareceu, os três mil cafeeiros foram ficando marrons. Desdenhando o frio cortante, sem agasalho, o casal percorreu toda lavoura, sem falar, um nó nas gargantas, só chorando. Alimentaram as crianças, mas não comeram.

De tarde, Gijo foi sozinho para o cafezal. Estava tudo torrado, queimado, preto. Chorou bastante. Ficou com os olhos vazios. Não conseguiu mais pensar direito. Só sabia perguntar: Como é que pode? Por que meu Deus? Por quê? Sem avisar Rosa, andando sem destino, veio para a cidade. Entrou no primeiro boteco da saída velha de Borborema. Pediu uma garrafa de pinga. Sem falar, encostado no balcão, bebeu no gargalo. Não estava acostumado, teve ânsia. Bebeu de novo. Não escutou os conselhos. Enxugou a garrafa. Ficou tonto. Caiu, levantou, quis brigar. Chorava e gritava. Enlouqueceu. Acordou na cadeia, todo machucado, com dor de cabeça, com a boca amarga.

Na calçada do outro lado da rua, com os olhos baixos, segurando o Tonho na mão direita e com a Nena no colo, a barriga grande encurtando o vestido na frente, Rosa o esperava. Nada disseram.

Sob os olhares carinhosos dos soldados, foram para casa. No meio do vento ainda frio, com o sol já alto, voltaram para a roça... para plantar de novo, para sonhar outra vez.